



## “SEM PERDER A ELEGÂNCIA” GÊNERO E POSIÇÃO SOCIAL NOS MANUAIS DE MODA E COMPORTAMENTO

*"Without losing elegance"*

*Gender and social position in manuals of fashion and behavior*

Bonizol Ferrari, Fernanda; Mestra; UFJF e CESJF, bonizol@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é parte de uma pesquisa em andamento e pretende analisar, a partir de manuais de moda e comportamento publicados no Brasil entre os anos de 1980 e 2010, os aspectos da relação estabelecida entre moda, gênero, sexualidade e classes sociais.

**Palavras-chave:** Manuais de comportamento; gênero; classe social.

**Abstract:** This paper is part of an ongoing research and intends to analyze, from fashion and behavior manuals published in Brazil between the years of 1980 and 2010, the aspects of the relationship established between fashion, gender, sexuality and social classes.

**Keywords:** Behavioral manuals; genre; social class.

### Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e pretende analisar os aspectos da relação estabelecida entre moda, gênero e classes sociais nos manuais de moda e comportamento publicados no Brasil entre os anos de 1980 e 2010. A metodologia adotada será descritiva, a partir da pesquisa bibliográfica, acesso a sites com conteúdo relativo ao tema e, especialmente, a manuais lançados no período

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestra em Artes pela UFJF. Professora do curso de Design de Moda do CESJF. Pesquisa as construções sociais de identidade de gênero em sua relação com a moda, bem como seus reflexos na sociedade contemporânea em seus contextos socioculturais e comportamentais.





proposto. Os principais autores que embasam a análise acerca do tema são Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Elizabeth Wilson.

### **Corpo do Texto**

A cultura do refinamento dos modos floresceu na Europa entre os séculos XII e XIII e, segundo Elias (1994), nas cortes, representava um instrumento fundamental de convivência, sendo que aqueles que não se submetem aos padrões socialmente exigidos correm o risco de viver à margem, excluídos de uma vida civilizada. Segundo Rainho (1995), os primeiros manuais de civilidade que circularam na Europa desde o século XVI se tornaram populares no Brasil ao longo do século XIX, em um momento em que se tornou imperativo para a sociedade se aristocratizar, adotando valores e costumes que a nivelassem, pelo menos na aparência, aos seus pares europeus, ao mesmo tempo em que a distinguisse do resto da população.

Os primeiros livros diretamente escritos para o público feminino são ofertados como manuais de economia doméstica e versavam sobre as atividades do lar, receitas medicinais e confecção de roupa, além de comportamentos em diferentes espaços sociais. Segundo Schwarcz (1998), trata de um momento importante para o mercado editorial que, influenciado pelos processos de alfabetização, passa a difundir gosto pela leitura e vê nesse setor uma fonte de lucros. Assim, obras até então destinadas aos grupos mais abastados passavam a ser direcionadas também para o consumo de um público feminino menos favorecido e que via no refinamento dos hábitos e, principalmente da aparência, uma via de aproximação dessas mulheres à seleta elite, mesmo que isso não significasse sua ascensão a uma classe superior.

Segundo Pereira (2009), foi ao longo do século XX que se deu a constituição desse campo como um universo dito “feminino”, primeiro, de forma historicamente construída e, depois, pela reiteração de discursos claramente direcionados a papéis sociais desempenhados pelas mulheres ao longo do tempo. Assim, esses manuais passam a atuar como orientadores de modelos e ideais de elegância e feminilidade a serem seguidos pelas





mulheres em que as camadas dominantes são colocadas como representantes e as mais populares como observadoras de uma experiência na qual poderiam se espelhar. Para a compreensão da construção da imagem feminina a partir dos manuais de moda e comportamento, é fundamental situá-los temporalmente, uma vez que as transformações sociais em curso acabam sendo refletidas em seu conteúdo.

Em se tratando de conduta feminina, a metade da década de 1960 é apontada por Carla Pinsk (2013) como um marco. Segundo autora, os modelos de feminilidade que se consolidam a partir do início do século XX são questionados e passam a conviver com novas referências. Além do reflorescimento do feminismo que ganha o cenário na década, Pinsk (2013) cita o processo de urbanização das cidades, o acesso feminino a empregos remunerados e qualificados, bem como às universidades, o desenvolvimento crítico das desigualdades sociais com base no sexo, a pílula anticoncepcional, a liberação sexual, o destaque dos jovens na cena pública, a lei do divórcio, as possibilidades de novos modelos conjugais e planejamento familiar e novos hábitos de consumo. A autora ressalta ainda que tais mudanças acabam por proporcionar um novo modelo de “supermulher” no lugar da “rainha do lar”, colocando em pé de igualdade maternidade e autorrealização feminina.

No Brasil, no entanto, os movimentos de contestação sociocultural de causa feminista não foram sentidos de imediato e nem por toda a população. Segundo Silvia Fávero Arend (2013), seus efeitos só foram amplamente sentidos “por uma parcela significativa da população a partir de meados da década de 1980, em função das restrições das liberdades individuais impostas pela ditadura militar implantada em 1964” (ARENDA, 2013, p. 77).

Eric Hobsbawm (1995) chama atenção para um outro aspecto que, segundo ele, tornaria as mulheres um grupo de força política como nunca percebido, capaz de fazer a feminilidade tradicional assumir uma nova consciência, de maior amplitude: “aquilo que as ideólogas insistiam que devia chamar-se gênero”. Segundo o sociólogo, a partir dessa nova perspectiva, não foi apenas a natureza das atividades da mulher na sociedade que mudou, mas também os [...] papéis públicos das mulheres e sua proeminência pública”





(HOBSBAWM, 1995, p. 306). Assim, a partir dos anos 1980, nota-se uma mudança nesses padrões comportamentais em busca de novos lugares para o feminino. “Essa busca estimula a emergência de novas formas de feminilidade, de novas concepções de sexualização, beleza e sedução, inclusive corporais” (RAGO, 2004, p. 05).

Essa visão, de horizontes mais livres e igualitários, não foi imediatamente aceita pelos manuais de comportamento, e a liberdade feminina era algo preocupante. Segundo Pereira (2009), os temores que emergiram do período, somados aos desencontros geracionais, demandavam maior atenção ao controle do comportamento das mulheres. Os manuais, nesse sentido, atuavam de forma eficaz. Prova disso é que, a partir da década de 1980, nota-se uma crescente importância dada a esse tipo de publicação, mantendo um crescimento expressivo nas décadas seguintes.

Exemplos dessa posição conservadora em relação aos novos padrões estéticos e comportamentais são os manuais de Bárbara Virginia e Martha Calderaro, na década de 1980. Bárbara lança em 1986 o manual intitulado “Poder pode, mas... não deve”. Ao falar sob as novas perspectivas conjugais da mulher na época, relata: “hoje ninguém é obrigado a casar. Mas é interessante que, apesar de uma forte corrente contra o casamento existir, felizmente a maioria das moças ainda sonha com esse momento (VIRGINIA, 1992, p. 158). Em 1986, Martha Calderaro, autora de “Etiqueta E Boas”, ao tratar das expectativas quanto à aparência feminina, aponta os padrões tradicionais de elegância e feminilidade como os mais adequados, devendo ser mantidos, sem muitas inovações. Segundo Calderaro (1986), a indumentária é o símbolo externo da elegância, mas nos últimos tempos, o vestir estaria mais condicionado à moda do que às regras de etiqueta. Por essa razão, ela aponta como mulheres verdadeiramente elegantes aquelas que se conservam fiéis a um determinado estilo, não fazendo concessões à moda.

Os textos demonstram que, apesar de ser proclamado como um momento de emancipação feminina, no Brasil, o período ainda é tratado com bastante cautela, e os reflexos desse movimento de contestação cultural se mostram iniciais. No que diz respeito à moda, apesar de as tendências e as ruas apontarem para algo dito mais democrático e



permeado por movimentos de subcultura, nos manuais, tais perspectivas não são vistas com bons olhos, sendo, inclusive, desaconselhadas.

É na década de 1990 que as liberdades individuais tomam o centro das discussões e nota-se uma valorização da individualidade também em termos estéticos. Em entrevista a Tarcísio D’Almeida (2012), o antropólogo Ted Polhemus alega que o final do século XX é o momento em que a moda se viu mais desregulamentada e democrática e nunca antes na história as pessoas estiveram tão livres para escolher a própria aparência, um estilo realmente individual.

Algumas mudanças podem ser percebidas a partir de então. Os manuais falam em “estilo de vida”, e a individualidade da mulher é a tônica em que o estilo pessoal de cada uma é apontado como o fundamental nas escolhas de moda. A nomenclatura também muda. Ao invés de etiqueta, estilo. No entanto, apesar de proporem tais mudanças, a análise de tais livros demonstra que grande parte dos valores fundamentais relativos a classe e gênero se mostram pouco alterados, mesmo diante de mudanças sociais tão significativas.

Muitos títulos despontam, e um nome de grande sucesso no final do século XX é Glória Kalil, autora de “Chic – Um guia básico de Moda e Estilo”. Lançado em 1995, é, até hoje, um dos mais vendidos livros dessa categoria, chegando a sua 27ª edição com adequações ao século XXI.

No entanto, apesar das mudanças propostas, as orientações em relação ao vestir seguem o formato tradicional. Propondo listas de peças fundamentais, a autora sugere um vestido preto clássico de tecido nobre como seda ou linho. Apesar da individualidade de cada um, o que deve prevalecer, segundo a autora, independente da situação, é o charme próprio, a delicadeza do cotidiano, a elegância e a sedução. Para ela, sem essas formas de feminilidade, restaria apenas a barbárie (KALIL, 1997).

Por fim, ao final de quase 250 páginas dedicadas a técnicas e métodos eficazes para apresentar-se como uma mulher realmente chique, a autora ressalta que o esforço deve se manter oculto e que todo aprendizado acerca da elegância deve se mostrar como



algo natural e espontâneo. “Ela é chic quando interioriza todas as regras do bem vestir e do conviver, de maneira natural, sem esforço e sem sobressaltos. Nunca se tem a impressão de esforço quando se olha uma pessoa chic (KALIL, 1997, p. 238).

Seguindo o ritmo das mudanças, os anos 2000 são vistos como um momento histórico de ausência dos limites modeladores da aparência e do comportamento (PEREIRA, 2009). Esse momento coincide com uma profunda mudança notada na política brasileira, quando o primeiro governo de esquerda assume o poder e traz à pauta políticas de inclusão de minorias. Diante de tal cenário, a autora se vê impelida a rever suas orientações.

A partir de então, os manuais de estilo são editados e vendidos em larga escala, e o número de novos autores e leitores cresce substancialmente. Diante da concorrência, torna-se fundamental elevar as credenciais de quem escreve e garantir a diferenciação. Segundo Pereira (2009, p. 118), nessa área, é fundamental deixar clara uma genealogia de “estirpes europeias” e pertencimento famílias abastadas e “requintadas”.

Assim, Gloria Kalil lança sua “revisão dos costumes”: Chic[érrimo]: moda e etiqueta em novo regime”, em 2004. Ela também apresenta suas credencias no ramo quando cita suas referências paternas na apresentação de seu livro, destacando os estreitos laços de amizade que ele mantinha com Marcelino de Carvalho, um dos mais conhecidos e respeitados consultores de etiqueta dos anos 1960.

No livro, a autora fala sobre o novo regime que se impõe e a necessidade de se adaptar a ele. Um dos exemplos desse novo regime é aquilo que ela chama de “outro”. “O Outro é esse ser diferente que temos que aprender a aceitar e tratar com igualdade e respeito” (KALIL, 2004, p. 41), e, como exemplo, ela cita as celebridades, “uma terceira categoria de gente” (as duas outras são homens e mulheres) que ganham atenção da mídia por possuírem beleza, talento, poder e dinheiro, ou cultura. Segundo ela, essas pessoas não têm uma tradição familiar e, por terem “invadido a nossa vida [...] está na hora de propor uma etiqueta de comportamento” (KALIL, 2004, p. 62).



No entanto, são nos anos 2000 que se aponta também para uma revisão dessas propostas de manuais de forma crítica, delineando contornos de feminilidade. Escrito pelas jornalistas Raquel Affonso, Nina Lemos e Jô Hallack em 2003, “Manual para Moças em Fúria” é direcionado a mulheres na faixa dos 30 anos insatisfeitas com o atual sistema que transformou suas inseguranças em uma indústria que rende bilhões de dólares e que alimenta grandes corporações. Para as autoras (2003), esse contexto teria condenado o “Girl-Power” ao poder ilusório que, ao invés de emancipar mulheres, direcionam-as ao mercado de consumo de itens femininos fazendo-as acreditar que ampliar o campo de atuação e escolhas femininas é ter acesso a “102 novos tipos de esmalte” (AFFONSO, 2003, p. 9).

O livro fala de moda, aparência e comportamento sob o viés da independência feminina, independência esta, que não é apenas financeira, mas de normas e padrões de aparência e comportamento. A autora critica as dietas, as constantes mudanças da moda, a necessidade de “seriedade” imposta pelo mercado de trabalho no vestir feminino e a falta de produtos de beleza para mulheres reais. Este, porém, é uma exceção aos manuais de estilo.

A leitura de tais livros demonstra uma conexão que se firma entre aparência, comportamento e distinção. Enquanto diferenciador social, a elegância pode ser entendida como capital simbólico distintivo, um princípio de hierarquização social produto das relações de poder que atuam na sociedade, onde “o gosto classifica e classifica aquele que classifica” (Bourdieu, 1979, p. VI). Essa relação se mostra bastante clara quando a autoridade das autoras dos manuais mais recentes ainda é medida no lastro da tradição familiar que detém, bem como o acesso a camadas sociais mais elevadas.

Isso também é percebido quando os manuais propõem um caminho para o refinamento, mas este só é mesmo legítimo quando se trata de capital cultural incorporado das gerações anteriores. Para Bourdieu (1979), nos manuais de *savoir-vivre* europeus, predomina a desvalorização de todo e qualquer processo de aprendizado formal, reconhecendo apenas aquilo que é simplesmente sentido “por instinto” como realmente



distintivo (Bourdieu, 1979, p. 73). Os manuais mantêm a hierarquia “nos modos de aquisição da cultura através do embate simbólico entre os que adquiriram tal comportamento no seio da família e os que o aprenderam tardiamente, de um modo formal” através de tais manuais” (PULICI, 2009, p. 151). Isso transparece no texto quando Glória Kalil aponta que só é realmente chique quem não precisa se empenhar em sê-lo. Nesse sentido, nos textos aqui apresentados, verdadeira elegância é algo indefinível e impossível de ser ensinado uma vez que se trata de uma sensibilidade natural e intransferível (PINSKY, 2012).

Assim, a elegante aparência feminina que se propõe a partir de tais manuais se mostra um conceito bastante complexo. Enquanto atributo estético, a elegância trata de uma composição que abarca roupas, acessórios e padrões de beleza que constrói aquilo que se espera das mulheres em termos de adequação social. Enquanto comportamento, atitudes, gostos e preferências são fundamentais nessa construção, normatizando o agir feminino. Esse parecer/agir feminino, de acordo com tais padrões determinados pelos manuais, é traduzido na “feminilidade”, atributo que ainda se apresenta como fundamental em uma postura feminina considerada adequada e socialmente aceita. Assim, a elegância, mais que um tributo, configura-se como um papel a ser desempenhado pelas mulheres em meio a outras possibilidades de atuação.

Nesse sentido, a estilização da aparência feminina se torna um princípio altamente distintivo de classificação social, e a ênfase recai sobre a dimensão simbólica da moda. É justamente essa dimensão simbólica que atua sobre os conceitos de elegância e vulgaridade, transmutando o “senso estético” em “senso de distinção”. Assim, a não observância dos padrões descritos e socialmente aceitos acarretam consequências, e, segundo Pierre Bourdieu (1979, p. 60), “a intolerância estética gera violências terríveis”.

Mais que um atributo estético, a vulgaridade comunicada através da aparência é mantenedora de um binarismo marginalizante, estigmatizante e penalizado, especialmente no Brasil, uma sociedade ainda conservadora e fortemente marcada pela cultura patriarcal. Prova disso são os resultados obtidos em uma pesquisa da Datafolha,



realizada em 2016, que demonstrou que 42% dos homens entrevistados acreditam que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” e, para 30% deles, “a mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada”<sup>2</sup>.

### Considerações Finais

O período proposto para a análise dos manuais, entre os anos 1980 e 2010, é marcado por profundas mudanças relativas às expectativas de liberdade e emancipação da mulher. No entanto, no campo das publicações de moda e comportamento voltadas para o público feminino, essas transformações foram ser vistas com reservas, permanecendo valores tradicionais no que tange à moralidade e hierarquia social. Nesse sentido, as novas configurações de gênero e mudanças de papéis sociais femininos percebidas como transformadoras da feminilidade nos anos 1980 parecem não ter sido absorvidas por essa vertente da moda.

Mesmo sendo difundidas em livros amplamente comercializados e contendo preceitos tidos como básicos a serem seguidos, apenas suas orientações parecem não garantir a tão cobiçada elegância. Logo, a elegância fala, através da moda, muito mais de relações e barreiras estabelecidas entre gênero e classes sociais que tendências do vestir. Dessa forma, a análise de tais livros se mostra um caminho eficaz para compreender e desvendar a constituição desse universo que envolve as mulheres contemporâneas, tanto no que tange a uma realidade de dominação quanto na subversão de tais condições.

### Referências

AFFONSO, Raquel; LEMOS, Nina; HALLACK, Jô. **Manual para Moças em Fúria** – Almanaque 02 Neurônio. Rio de Janeiro: Record, 2003.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

---

<sup>2</sup> Resultado divulgado pelo portal de notícias G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>> Acesso em 21 Dez. 2018.





BOURDIEU, Pierre. **La Distinction**: Critique Sociale de Jugement. Paris, Minuit, 1979.

CALDERARO, Martha. **Etiqueta e boas maneiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

D'ALMEIDA, Tarcísio. **Moda em Diálogos**: entrevistas com pensadores. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2012.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1941. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KALIL, Glória. **Chic**: um guia básico de moda e estilo. São Paulo: Editora Senac, 1997.

\_\_\_\_\_. **Chic[érrimo]**: moda e etiqueta em novo regime. São Paulo: Códex. 2004.

PEREIRA, Daniela Scridelli. **Interiores e exteriores da etiqueta e da decoração**: gênero, posição social e histórias de vida. Tese de Doutorado (Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Federal de Campinas. 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Jaime. **Cultura e Elegância**. São Paulo: Contexto, 2012.

PULICI, Carolina. Os atentados ao "bom gosto": regras da "arte de viver legítima na capital paulista. In **Revista USP**: São Paulo, n. 81, Mar/Mai 2009.

RAGO, Margareth. **Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos. Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de civilidade. Rio de Janeiro, século XIX. In: **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. v. 8, número 01/02, Jan./Dez 1995.





SCHWARCZ, Lilia. **As barbas do imperador**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos**. Moda e Modernidade. Lisboa: Edições 70, 1985.

VIRGINIA, Bárbara. **Poder pode, mas não deve**. São Paulo. Edições Loyola. 1986.

